

Os nossos riscos

Os "últimos acontecimentos" na Venezuela — para utilizarmos a expressão com que os meios de comunicação locais, controlados pela censura, designam a grave insurreição popular que conflagra o País — descortinam ante a América Latina os resultados da sua crise mais profunda, a crise de responsabilidade que gerou essa dívida externa impossível. Mas descortinam também ante o mundo desenvolvido, que é o mundo credor, as potencialidades que se encerram na forma olímpica e insensível com que tratam esta questão complexa e séria. A estabilidade política e a organização social do Ocidente não resistiriam a uma conflagração em larga escala na América Latina.

As vozes mais sensatas em ambos os lados do mundo têm alertado sem cessar para os riscos do endividamento irresponsável e para a compulsão míope e insensível dos governos de permanecerem submissos a uma ordem econômica internacional opressora. Este tempo acabou. Os "acontecimentos" da Venezuela mostram que o caminho é outro.

A questão não é mais nacional em cada um dos países endividados, tal a dimensão alcançada pelos problemas que a dívida gerou. Ela é continental e, por isso, mundial. A questão substancial é a de como se manter íntegro o sistema econômico e político do Ocidente num quadro em que uns estão determinados a se preservarem cada vez mais ricos e prósperos e outros a se tornarem cada vez mais cerceados nos direitos elementares que a ética da organização internacional

lhes concede. Esta relação desigual, que há décadas se mantém, não se manterá mais após a lição da Venezuela.

Os fatos nos servem, internamente, à nossa própria reflexão. O Brasil é o maior devedor do mundo, sua população é a maior da América Latina, seus indicadores sociais, na maior parte, são os piores do Terceiro Mundo. Por que estaríamos imunes a uma situação como a que vive agora a Venezuela? Quais os efeitos políticos internos e externos de uma conflagração em tal nível no Brasil?

A elite brasileira — aqui entendidos todos quantos, no Governo, no empresariado e na intelectualidade têm responsabilidades políticas — vem falhando sistematicamente na apreciação dos fenômenos psicossociais que se alastram no rastro da pobreza. Ela não parece perceber a dimensão que já alcançou a insatisfação popular no País. De repente, uma fagulha qualquer, lançada ao acaso, alastra o incêndio.

O caldo social no Brasil está pronto para a fervura. A base moral que, classicamente, sustenta o poder da elite diluiu-se. As lideranças populistas ganham espaço a cada momento. O Governo não consegue manter acesa a esperança. E entramos assim num ano eleitoral com a grande maioria da população — todos os cidadãos com menos de 46 anos de idade — jamais tendo votado para Presidente.

Estaremos todos correndo um sério risco se não nos socorrermos rapidamente nas reservas de energia que milagrosamente este País ainda conserva.